PESQUISAS HISTORICAS

(D'*A Noite*)

Sempre é com o mais justo e desvanecido orgulho que nos occupamos de cousas deste vastissimo territorio, que é o Brasil, e que, de facto, devem interessar a todos nós Brasileiros, mas que vivem em completo abandono por paragens desconhecidas, esquecidas de tudo e de todos, «abandonadas brasileiramente», na phrase pinturesca de um observador. Talvez que melhor propagadas, denunciadas na sua verdade real, possam ellas ser mais admiradas, attrahindo essa sympathia, que a gente culta dos centros cultos ha demonstrado pelo nosso amado paiz, como recentemente tem dado e dará ainda sobejas provas, nessa estupenda commemoração do primeiro centenario da Independencia do Brasil. Se assim succeder—dizendo-se o que, de verdade, verdadeiramente somos—para o estrangeiro que nos visitar e que estudar o nosso paiz nos seus minimos detalhes, o Brasileiro não será mais aquelle typo por elle mal idealisado, como descreveu o principe dos nossos poetas, do antigo idiota, sorna, parlapatão, «rasta», ostentando sómente brilhantes e tolices; mas o homem alegre, intelligente e bravo, enthusiasta pelas grandes causas, mostrando idéas bellas com phrases leves, com uma pontinha de quixotesco e lyrico heroismo; emfim, um typo muito acceitavel, bem differente dos outros antigos, que tanto nos envergonhavam, embora ainda de brilhan-

tes, impenitente caçador de «petites femmes», como o foi encontrar o grande Bilac personificado em uma revista de anno na incommensuravel Paris.

Falando deste modo pretende apenas A NOITE mostrar aos seus leitores o valor de um monumento, que já teve seus dias de gloria, e, hoje, jaz esquecido, póde-se dizer, criminosamente, em recondita paragem do Estado do Ceará, na cumiada de uma quasi desconhecida serra, que, em outro continente, mais conhecida, estaria demonstrando o seu maximo valor, reclamando para o seu nucleo a concorrencia natural, dada a sua superioridade sobre varios aspectos, maxime o mais importante delles—a excellencia preconisada e não contestada de seu clima e uberdade do seu sólo. Por emquanto limitar-nos-emos a publicar a «enquête» que daquelle opulento rincão nordestano nos enviou o correspondente especial da A NOITE, dando uma idéa do valor dessa serra e dos principios e fins do mosteiro de Benedictinos que ali existiu, ha annos, e que por um motivo que se não justifica, absolutamente, oriundo unicamente da incuria de uma administração menos atilada que as anteriores, para não dizer desastrada, cerrou as suas portas, talvez para sempre, privando as cercanias do escuso povoado dos beneficios proclamados, que vinha prestando o conceituado estabelecimento de ensino modelar, mantido pelos mesmos Benedictinos, tido em seu tempo por um dos melhores do Estado.

O governo bem poderia lançar suas vistas para o valor desse monumento, cujo historico passamos a fazer, abaixo.

A serra do Estevão, ou de Santo Estevão, como querem os religiosos, segundo os entendidos pertence ao grupo central do systema orographico do Ceará, e tem de altitude 800 metros. Está situada no municipio de Quixadá, importante cidade do Estado do Ceará, servida pela Estrada de Ferro de Baturité (estação), a 88 kilometros da capital.

A serra dista da séde do municipio (cidade) 22 kilometros, servida por uma estrada de rodagem, em vias de acabamento, mandada construir pela Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas.

De um clima delicioso, com temperatura normal de 22°, tem sido presentemente o ponto de preferencia escolhido das pessoas fracas, que vão encontrar ali lenitivo para os seus crueis males, registando-se já assombrosas curas.

Os poderes publicos, na impossibilidade de outro melhoramento, bem poderiam cuidar da installação ali de um grande sanatorio, dadas as condições climaticas da serra e as proporções avantajadas do majestoso edificio, que, abandonado, aguarda unicamente a boa vontade dos homens.

Foi nesse saudavel villarejo, em uma das mais partes da cumiada da serra, justamente no local donde se descortina o mais soberbo e extasiante panorama, que se fundou, ha annos atraz, o mosteiro de Santa Cruz, filial do mosteiro de Olinda, mandado construir pela Ordem dos R. R. de S. Bento, grandioso edificio que, como já se disse, teve os seus dias de gloria, mantendo com o mais vivo enthusiasmo um estabelecimento de educação, modernamente apparelhado, e por cuja efficiencia, em seu tempo, foi equiparado ao Collegio Pedro II, do Rio de Janeiro.

A historia desse mosteiro é por demais curiosa e póde-se resumir no seguinte:

O mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estevão, foi fundado no anno de 1900 por D. Geraldo van Caloen, então abbade do Mosteiro de S. Bento de Olinda, em Pernambuco, o qual, procurando melhor clima para os seus religiosos, então dizimados pela febre amarella, conhecendo do valor da serra, escolheu o respectivo local para a sua installação.

Os primeiros religiosos, com o seu primeiro prior D. Majolo de Caigny, chegaram á serra na vespera de S. Pedro daquelle anno (28 de junho), estabelecendo-se numa casinha de taipa, ao redor da

qual levantaram outras casas e uma singela capellinha, egualmente construidas de taipa.

Os religiosos chegando justamente num anno de secca para o Ceará, lutaram com innumeras e grandes difficuldades, como muito bem se póde imaginar.

D. Majolo começou, logo ao chegar, com os trabalhos de um açude. Fez a estrada do mosteiro para a povoação de Sant'Anna, dous kilometros de distancia, lançando, em seguida, a primeira pedra para o futuro collegio de S. José.

D. Majolo deixou o cargo de prior em maio de 1901, sendo succedido pelo Revdmo. padre prior D. Mauricio Prichzi, considerado hoje um grande benemerito do Mosteiro de Santa Cruz.

Em principio de 1903 o novo prior concluiu a construcção de uma parte do collegio, cuja inauguração se deu no dia 1.° de março do referido anno, funccionando debaixo do governo do sabio levita com uma prosperidade crescente, alcançando o seu livro de matricula o numero de cento e oito alumnos.

Posteriormente, foi equiparado ao Gymnasio Nacional, chegando o collegio a ter desenvolvimento e nomeada não só no Estado do Ceará como nos do Amazonas, Pará, Piauhy e Pernambuco, dos quaes contava regular numeros de alumnos.

Quando o futuro do collegio parecia seguro, grande golpe o feriu, profundamente. Morreu o seu bemfeitor D. Mauricio. Isto veiu a succeder no dia 13 de janeiro de 1907, deixando os irmãos de habito do santo e sabio benedictino na maior afflicção. Perdeu o então conceituado estabelecimento de ensino o seu melhor reitor, sacerdote de grande talento e preciosas virtudes, cujo vacuo difficilmente seria preenchido.

Os seus successores—D. Mauro van Emelen e D. Ruperto Rudolph ainda continuaram a seguir as tradições de D. Mauricio até o fim do anno de 1909, quando se deu o esphacelamento completo do collegio. Isto sobreveiu por difficuldades financeiras,

accrescidas com a suspensão da subvenção, que o mosteiro do Rio de Janeiro mandava regularmente... Falta de iniciativa administrativa de quem substituiu o grande bemfeitor do mosteiro de Santa Cruz.

E deste modo desappareceu um estabelecimento de ensino que dera, comprovadamente, tão optimos resultados.

Quanto á vida interna do mosteiro, sabe-se que logo, em principio, foi elle erigido em Priorado.

D. Mauricio, espirito altamente superior, homem de idéas avançadas, ao tempo que construia o collegio não se descuidava da construcção do mosteiro e da capella, conseguindo acabar toda a sua valiosa obra, que o recommendará, sem duvida, á posteridade, em dezembro de 1906.

Na vespera de Natal desse anno a communidade, cheia do maior jubilo e mais vivo orgulho, entrou no novo estabelecimento dando graças a Deus e a D. Mauricio, por lhes terem preparado uma habitação mais confortavel e mais saudavel.

A fatalidade, porém, só permittiu que D. Mauricio regesse sua communidade, no novo e soberbo mosteiro, apenas por quinze dias. Não teve o extraordinario monge a felicidade de ver o futuro da casa que acabava de construir com tanto esforço. Falleceu na época já citada.

O mosteiro de Santa Cruz teve ainda como priores D. Mauro van Emelen, D. Bonifacio Jansen e D. Vanderillo Hespierre.

Fechado o collegio, o mosteiro continuou a existir, chegando até a ser elevado em Abbadia no anno de 1911, sendo seu primeiro e ultimo abbade D. Ruperto Rudolph, religioso de grande talento e não menos boa vontade, mas sem a energia sufficiente—verdadeiro homem de estudos—para enfrentar as difficuldades de sua Abbadia provenientes das seccas e da falta de recurso monetario.

Nem todos tinham a fibra de D. Mauricio...

Retirando-se no anno de 1915, D. Ruperto com

a sua communidade estabeleceu-se no Mosteiro de S. Bento na Bahia, como superior interino da casa, conseguindo logo tempo depois, com o apoio dos outros abbades da Congregação Brasileira, junto á Santa Sé, o fechamento de sua Abbadia.

E deste modo ficou abandonado até hoje o mosteiro, cujo levantamento tamanhos sacrificios custou ao seu constructor Dom Mauricio e tanto capital absorveu, sendo essa desgraça por todos lamentada pela falta sensivel, que fez ao adiantamento intellectual e material do Estado do Ceará.

Ahi fica a descripção, pallida embora, do sumptuoso edificio, que demora presentemente na Serra do Estevão, no Ceará, e dos seus dias de outr'ora, aguardando o dia feliz em que um homem de acção, de reconhecido e devotado amor pelas cousas patrias, possa fazel-o voltar á effervescencia de seus primeiros momentos, tão cheios de vivacidade, aliás em contraste com a soturnidade do claustro, isto por força da natural jovialidade da grande familia então residente em seus dominios—essa familia de educandos, monges e preceptores, que hoje deve trazer á imaginação indelevel recordação dos deliciosos instantes que ali passou num mixto de conforto de educação espiritual, recebida dos abnegados levitas do saber, e dos salutares beneficios adquiridos pelo organismo, fruindo o incomparavel clima serrano.

Pela reconhecida falta de iniciativa particular, o governo bem poderia dar a sua mão forte a quem por ventura, quizesse aproveitar o caminho, já desbravado, na construcção de um grande sanatorio que daria incontestaveis resultados, já reconhecidos e proclamados, caso não quizesse esse mesmo governo dispol-o na exploração de um estabelecimento official com os mesmos humanitarios fins.

A idéa deveria ser aproveitada...

*
* *

A revelação feita pela nossa recente carta geographica e divulgada pela A NOITE, quanto á descoberta do ponto culminante do Brasil, pelo menos o mais alto até agora conhecido—o Pico da Bandeira, na serra de Caparáo (Espirito Santo), deixando atrás o de Itatiaya, ou melhor, as Agulhas Negras do Itatiaya, fez-nos conhecer, «de visu», a altura maxima do Estado do Ceará, o seu ponto mais elevado, localisado na serra de Baturité, a serra por excellencia do cordão central cearense e da qual se occupou, não ha muito tempo, em volumoso trabalho, que apresentou ao Congresso Brasileiro de Geographia (Bello Horizonte) o espirito emprehendedor de Mario Moura Brasil Amaral.

Nosso maior anceio era rectificar o engano em que laboravam muitas pessoas, inclusive monographistas de reputação inconteste, dando, como de altitude maxima, no Ceará, o sitio «Monte-Flôr» (980 metros), na referida Serra de Baturité, deixando de lado a culminancia da Serra Grande (Ibiapaba), nas immediações de Campo Grande (1.020 metros), quando hoje se póde apontar, sem receio de contestação, como tal, o «Bico Alto», justamente a base de nossas ulteriores investigações, com 1.058 metros de elevação, já escalado e devidamente estudado.

Foi nessa recente excursão ao «Telhado do Ceará», que tivemos a occasião de conhecer, de perto, o valor da principal montanha cearense, concluindo então não haver o minimo exaggero da parte de Mario Moura Brasil Amaral, quando, do resultado de suas pesquizas, preconisa a serra no vultoso trabalho a que nos referimos. Só pessoalmente, visitando-a, é que se poderá ajuizar das suas vantagens agricolas, da superioridade de seu clima, «secco e amenisado pela altitude media de 800 metros, dispondo de uma temperatura constante e agradabilissima, oscillando entre 16° e 23° centigrados»...

Guaramiranga, Pacoty, Mulungú, Pernambuquinho foram pontos quasi que obrigatorios de nossa viagem. O itinerario traçado para a ascen-

ção ao «Bico Alto» fórça a passagem nesses villarejos. Essa caminhada tornar-se-ia enfadonha se os deixasse de lado, sabido serem elles os centros mais populosos da serra, o ponto de convergencia da população serrana e por onde melhor se poderá auferir de sua real utilidade. Tal era, aliás, o nosso ardente desejo.

Na antiga e encantadora Conceição, que a vontade ferrea de um homem probo—o Sr. coronel João Baptista Alves de Lima fez mais tarde chrismar com o poetico nome de seu aprazivel sitio—Guaramiranga, e pelo qual é hoje conhecido officialmente, e que, em linguagem de nossos autochtones, significa—«passaro vermelho»; ali, naquelle aristocratico pedaço de terra serrana, por um feliz acaso, coincidiu a nossa passagem com o maior acontecimento de seus dias e que, ao nosso ver, faz orgulhar uma população que se presa: a installação de sua illuminação electrica, facto que—presenciámos—encheu de franco e justo enthusiasmo os seus habitantes, que, a todo instante, deixavam isso transparecer em pronunciada alegria pelas ruas, verdadeiro delirio festivo, vivando a miudo os nomes de tres esforçados moços emprehendedores do grandioso evento: Dr. Carlos Carneiro Leão, Arcelino Mattos Britto e Renato Fortuna Pessoa.

Guaramiranga passa, em nossos dias, por ser uma villa principesca e, no emtanto, no seu topographico aspecto, é assás modesta e muito simploria. Nenhum predio moderno e architectonico a recommenda, senão bellas vivendas, pittorescas é verdade, ainda construidas ao ensôsso capricho de nossos antigos mestres d'obras, por orientação secular de nossos maiores. Destaca-se, entretanto, a sua bella egrejinha, cujo porte senhoril, num dos pontos elevados da villa, lhe dá, não ha duvida, um aspecto agradavel.

A tradição faz convergir para o seu nucleo todos os annos, na época do estio, grande numero de forasteiros. Todos ali vão no desejo de fruir a

amenidade do delicioso clima, incontestavelmente o melhor da serra... Agora mesmo fomos lá encontrar, com sua Exma. familia, o Sr. presidente do Estado. Isto, naturalmente, fez contribuir para a visita, que ali se nota, presentemente, de regular numero de veranistas, difficilmente encontrando-se um simples leito nos dous casarões que, por ironia do destino, têm o pomposo nome de hotel, os quaes, sem offerecerem commodidades, manda a justiça que se diga, fornecem farta e boa comedoria, de accordo com as posses do logar.

Disseram-nos que o presidente do Estado pretende construir, na villa, uma casa para verão... presidencial. Foi a proposito dessa noticia que ouvimos um serrano falar:

—Nós serranos só podemos estar muito satisfeitos com a nossa *Conceição* (elles não dizem *Guaramiranga* nem a cacête). Ella está melhorada, pois já tem a sua illuminação electrica e até o governo quer se mudar para a villa...

Este episodio, que denota certa argucia do habitante das serras, relembra aquelle outro narrado por Leonardo Motta, em seu «Cantadores». Registremol-o:

«Na excursão presidencial do Sr. Dr. João Thomé, em 1917, estava S. Ex. na villa de S. Pedro do Crato palestrando despreoccupadamente «quando um serrano veiu «tomando chegada», devagarinho, até que se approximou da roda. Fez-se breve silencio com o apparecimento do desconhecido. Então, para ser agradavel, elle traduziu assim a sua satisfação»:

—Seu Doutô, quando nós fumo topá Voss'Senhoria ali na «Cidade» do capitão Geroncio, lá no encontro, quando eu fui avistando Vamiscê que me alembrei que nós tava c'o gunverno na villa de S. Pedro, eu fiquei tão satisfeito chega tive vontade de largá meu cavallo e virá bundacanasca no capim...»

Quem sabe até se não foi por essa maneira rude

e franca, ás vezes comica, do nosso matuto em dizer as cousas como bem entende e melhor pensa, não olhando as consequencias que possam advir dessa reconhecida franqueza, que o mallogrado e grande Antonio Bezerra affirmou ser o homem cearense uma excepção no paiz, isto é, aquelle que tem caracteristicos differentes entre os demais filhos do norte e do sul da União?...

De Guaramiranga fomos ao sitio Correntes, uma das melhores propriedades da serra e que, recentemente, o capitalista Pedro Pires da Rocha, de parceria com o advogado fluminense Jayme Memoria, adquiriu por algumas centenas de contos de réis. Um *sitarrão*, póde-se assim chamal-o, dispondo de alguns mechanismos modernos para o beneficiamento do café, da canna e do arroz. E' movido a agua.

Correntes, em tempos bons, já produziu em media 7.000 arrobas de café. Sua safra, diminuida de 3.000 a 4.000 arrobas, presentemente não dá mais de 1.400 a 1.500 annualmente. Tem, entretanto, muitas outras fontes de receita, o que faz crer ser elle senão o melhor pelo menos um dos melhores da serra. Admira ao visitante a sua estupenda casa de vivenda, toda construida modernamente, assobradada, parecendo mais um predio de cidade. Parece que Correntes chegou ao que podia chegar. Póde ser que o capital de Pedro Pires, alliado á argucia de Jayme Memoria, faça introduzir no Correntes taes vantagens de modo a competil-o com os melhores do sul do paiz.

Em Mulungú... que podemos dizer do escuso villarejo serrano senão que nos sentimos satisfeitos abraçando um velho amigo de outros tempos, o Sr. João Bastos, hoje ali residente, «secretariando» o fisco estadual e nas horas vagas servindo de mestre escola?...

Em Pacoty tivemos a ventura de abraçar um outro velho amigo, o virtuoso padre José de Lima Ferreira, excellente sacerdote, que cura das almas e

dos espiritos de seus semelhantes, senhor de um tirocinio brilhante, de um nome illustrado, incansavel batalhador das causas boas, como bom jornalista que é e que foi ao tempo de sua direcção do «Correio da Semana», de Sobral. E' o mesmo homem que conviveu comnosco, annos atrás, em sua longinqua parochia de Ipueiras: diligente, esforçado e trabalhador. Approximamo-nos tambem de um typo de verdadeiro *gentleman,* Julio de Hollanda, o infatigavel educador serrano, tendo como titulo de recommendação o ser um verdadeiro polyglota, conhecimentos que adquiriu em continuas viagens ao Velho Mundo e ao Extremo Oriente. Pacoty gosa do privilegio de sempre ter tido optimos educadores. OR.do P.e Tabosa Braga, actual governador do arcebispado e o Sr. Dr. Menezes Pimentel, cathedratico de nossa Faculdade de Direito, foram os antecessores de Julio Hollanda, que os substituiu sem ficar na bagagem. A villa é pobre, sem architectura, como aliás succede com todos os logarejos do interior do Ceará, maxime os da serra. Os naturaes são bastante retrahidos, mas muito religiosos. Fructos da rispida e energica educação religiosa do padre Tabosa Braga, seguida pelo seu successor o reverendo padre José de Lima.

—De tres cousas gostam os Pacotyenses, disseram-nos: *bombo, aluá* e *bolos de carimã.*

E a um pedido de explicação, falou um serrano:

—Não ha festa aqui que não seja obrigada a estas tres cousas: se se dansa, os pares não ficam satisfeitos se não ouvem o *zabumba* ensurdecedor do bombo. E' muito commum se ouvir, em qualquer salão, esta continua expressão: *toca o bombo! Bombo! Bombo! O bombo!* O *aluá* é bebida obrigada a todos os festejos, desde a mais alta á mais baixa camada social... E o *bolo de carimã,* aliás, commum na serra, para elle têm os Pacotyenses certa predilecção.

E a proposito da «obrigatoriedade» do classico *aluá*, na villa, ouvimos repetir estes engraçados versinhos:

«O agrado nesta terra
E' cousa proverbial:
Ha o agrado das finezas
E o *aluá* festival.

Outras cousas, muitas cousas
Se misturam com o *aluá:*
São *bolos de carimã,*
São *beijinhos de Sinhá*».

Pernambuquinho! Quem diria que um povoado que já teve os seus dias de gloria, sua effervescencia, chegasse ao estado actual, decadente, sem vida de especie alguma, parecendo apenas viver, na hora presente, recordando os seus dias de outr'ora, quando de seu nome primitivo—«Riacho das Cobras», chrismaram-no com o diminutivo do valoroso Leão do Norte—o grande Estado de Pernambuco?!... Levaram-nos á sacristia da capellinha local, e, nos fundos de uma velha commoda, lá existente, mostraram-nos o vivo documento de um sacrilegio commettido ali, ha dezenas de annos. Ouçamos uma testemunha da época, que ainda vive:

—Em 1874—falou o probidoso cavalheiro Sr. José da Cunha Medina—quando Pernambuquinho estava no auge de sua florescencia, appareceu, por estas paragens, um bando de ciganos, destes conhecidos aventureiros que a miudo nos visitam trazendo toda sorte de ruindades para a população ignara. Dous jogadores, supersticiosos como todo viciado e ignorante, foram ler a *buena dicha*, indagando, então, dos ciganos qual o meio mais facil de poderem ganhar dinheiro...

—Muito facil, responderam os espertalhões: con-

seguindo qualquer parte do busto dos santos existentes na capella, e trazendo-a como amuleto, a sorte se lhes sorrirá, sem duvida. Não perderão jamais no jogo. E os estupidos homens, escalando, alta noite, a egrejinha da terra, serraram a cara do milagroso Santo Antonio e o braço de Jesus Crucificado, deixando-os ao sólo, disformes e mutilados. Nenhum processo se fez. E o sacrilegio ficou impune. Apenas a capellinha, abandonada, com os annos, desappareceu, sendo construida a actual. Os santos, victimas da sanha dos desabusados jogadores, ainda hoje vivem esquecidos, empoeirados, ao canto de uma velha commoda. O mais engraçado é que espiritos supersticiosos acreditam na decadencia de Pernambuquinho como um castigo dos céos pela irreverencia dos jogadores, se outras causas justificaveis não autorisassem a desmentil-os, como sejam o desapparecimento de seus grandes cafesaes e a desvalorisação naquelles tempos desse precioso arbusto...

Bico Alto!—o telhado do Ceará, apontou-nos o nosso *cicerone* nessa excursão, o Sr. Luiz Marinho, um dos proprietarios de sitio, na serra, e justamente, em cujas terras demora o ponto de nossas investigações. Minutos após, em subida accessivel, a cavallo, com pequenos declives, conseguimos galgar os pincaros da montanha, experimentando o variar de temperatura regular, sem frios enregelantes. Estavamos em pleno céo cearense!... Bellissima perspectiva! «Quanto a natureza é caprichosa!...» Numa altitude de 1.058 metros descortinámos maravilhoso panorama, quasi indescriptivel, ante a sua soberana majestade!...

Foi do cume do *Bico Alto* que divisámos «além, muito além», na linha do horizonte, cidades, villas e povoados adjacentes á grandiosa serra, e, no infinito, a orla dos «verdes mares bravios com as suas alvas dunas movediças», deixando ainda a descoberto, a olhos nús, o perfil da tradicional cidade de Canindé, tendo de permeio as soberbas e edifi-

cantes torres do veneravel «Santuario de S. Francisco das Chagas», numa distancia de 72 kilometros approximados...

Quanto póde a natureza!...

Quixadá, fev. 923.

EUSEBIO DE SOUZA.